



Serviço Público Federal
Ministério do Turismo
Secretaria Especial da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Departamento do Patrimônio Imaterial
Coordenação-Geral de Identificação e Registro
Divisão Técnica de Diversidade Linguística

PARECER TÉCNICO nº 15/2021/DTDL/CGIR/DPI

ASSUNTO: Inclusão da língua Karo no INDL

REFERÊNCIA: Proc. 01450.003436/2021-58

Brasília, 02 de dezembro de 2021.

Senhor Chefe,

Este parecer técnico trata da inclusão da língua indígena Karo no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), cuja pesquisa e documentação fez parte do LEVANTAMENTO REGIONAL DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE 26 ETNIAS INDÍGENAS DA REGIÃO DE RONDÔNIA – projeto apoiado pelo IPHAN e realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, vinculado ao MCTI, cujos objetivos principais foram os seguintes:

- Levantar a situação da língua nativa de 26 etnias do Estado de Rondônia, investigando os parâmetros reconhecidos para diagnosticar o grau de ameaça de cada, por exemplo, número de falantes e semifalantes, grau de transmissão da língua, grau de manutenção de arte verbal tradicional, alfabetização na língua indígena e medidas e programas de apoio;
- Obter as informações necessárias para a patrimonialização de cada língua, por exemplo, os nomes da língua, sua história e suas relações genéticas com outras línguas e dialetos;
- Produzir e documentar a anuência informada de cada etnia para o reconhecimento da sua língua como Referência Cultural Brasileira;
- Documentar minimamente cada língua e dialeto por meio de gravação;
- Mobilizar cada etnia a manter e promover as suas línguas, fornecendo ideias e capacitação para isso;
- Contribuir para o aperfeiçoamento de metodologias para levantar a situação de línguas indígenas de uma região, gerando subsídios para levantamentos futuros do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL);
- Gerar experiências de referência no uso de novas tecnologias para documentação e identificação de línguas para serem disponibilizadas no âmbito do INDL

Esta Divisão Técnica elaborou uma síntese sobre o referido Levantamento Sociolinguístico, para que haja informações adicionais sobre o projeto, de modo que se mantenha em perspectiva a dimensão da iniciativa de escala regional e multilinguística. NOTA TÉCNICA nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI (3079946).

Em relação ao levantamento sociolinguístico da língua Karo foram encaminhados para análise pelo IPHAN os seguintes documentos:

1. Formulário preenchido conforme Guia INDL;
2. Declaração de interesse e Anuência para reconhecimento da Língua Karo no Inventário Nacional de Diversidade Linguística - INDL;
3. Autorização de uso da Voz, Imagem e Informação, para fins do Inventário Nacional de Diversidade Linguística -INDL;

4. Termo de cessão gratuita para uso de documentos sonoros, visuais, audiovisuais e escritos;
5. Termo de Anuência à Pesquisa, realizada por Julia Otero dos Santos, para inclusão da língua no Inventário Nacional de Diversidade Linguística -INDL;
6. Pedido de Reconhecimento da língua Karo;
7. Outros documentos: fotos da aldeia; referências bibliográficas no formato pdf; arquivo em vídeo contendo amostra da língua; arquivos de áudio, lista Swadesh com 100 palavras na língua; mapas; fotos contendo amostras da escrita da língua.

I - Sobre a língua Karo e sua comunidade linguística

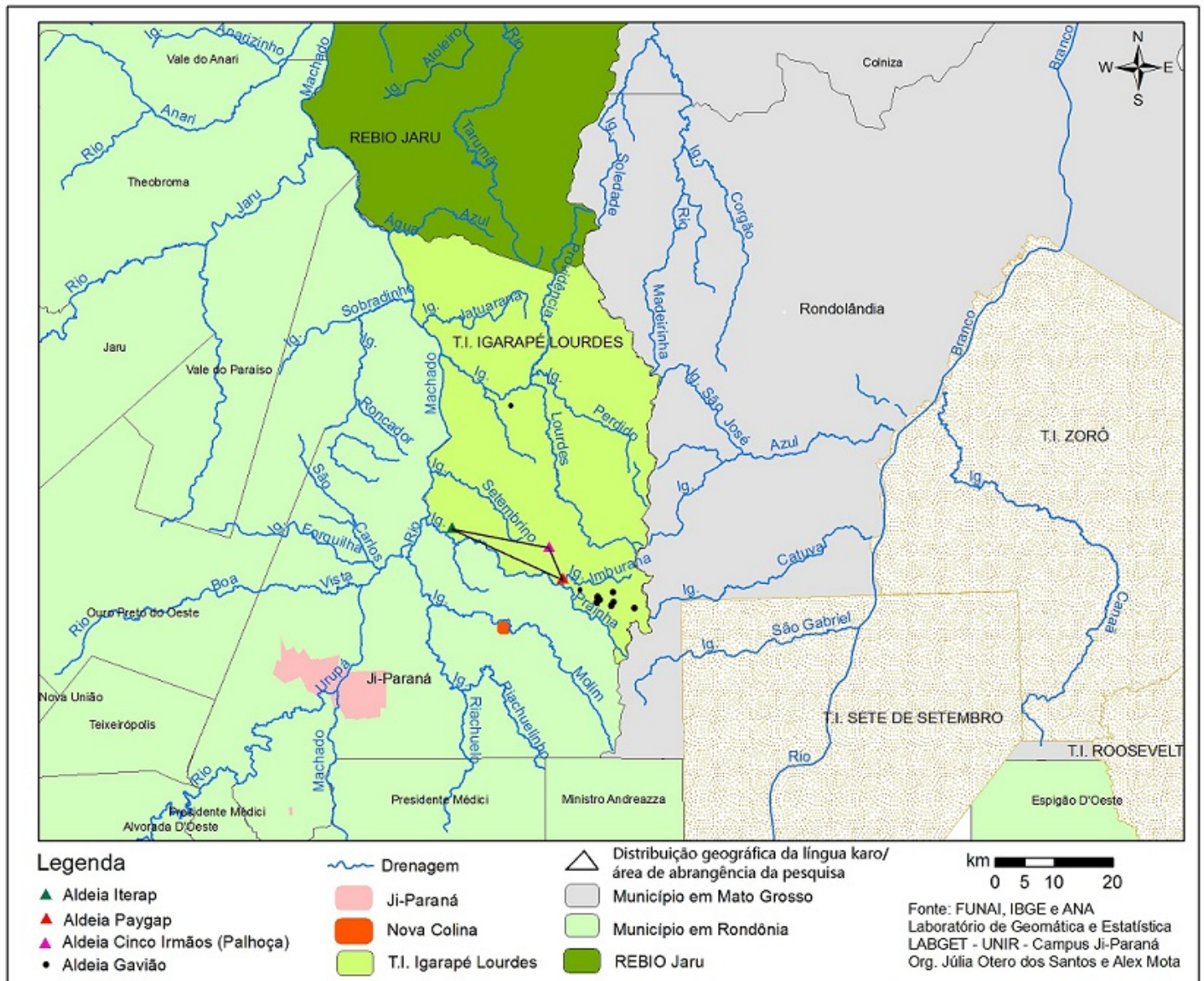
A língua Karo é a única língua da família denominada Ramarama, pertencente ao tronco Tupi, não estando próxima a nenhuma outra língua. É falada majoritariamente pelos Karo-Arara, cuja população soma cerca de 320 pessoas, das quais 306 são consideradas falantes da língua, sendo 90% de falantes plenos.

Os Karo-Arara são também conhecidos como Arara Tupi, Arara de Rondônia, ou simplesmente Karo (que significa, em sua própria língua, “arara”), termos utilizados para diferenciá-los dos demais grupos Arara do Brasil: Arara do Acre (Shawanawá), Arara do Aripuanã (Arara do Beiradão), Arara do Pará (Ukarãgmã). Ao fazerem referência a si mesmos, os Arara chamam-se l'târap, “nós todos”, palavra formada pela junção do pronome pessoal de primeira pessoa do plural inclusivo l'tâ “nós”, seguido da palavra com significado de “coletivo” tap - “todos”. Karo-Arara é como têm preferido se identificar no momento - trata-se da junção da palavra arara na língua Karo com a palavra em português para a mesma ave. Já a língua foi nomeada por seu primeiro estudioso, o linguista Nilson Gabas Jr., do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Segundo Nilson Gabas Jr., os Arara foram contatados pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) somente no final da década de 40. O contato foi fatal para as comunidades Karo-Arara: centenas de índios morreram por doenças como pneumonia, gripe e sarampo. Os poucos que sobreviveram foram trabalhar em seringais da região, junto a não-indígenas. De acordo com Júlia Otero dos Santos, antropóloga responsável pela realização do levantamento sociolinguístico referente à língua Karo ora analisado, no tempo do seringal as famílias moravam afastadas umas das outras, não realizando as festas tradicionais, visitando-se com baixa frequência – o que teve como consequência o forte engajamento no modo de vida não indígena e impactos sobre sua cultura tradicional. Somente no fim da década de sessenta os Arara foram reagrupados pelo SPI, passando a viver junto ao povo Gavião - seus tradicionais inimigos. Em meados dos anos 80 os Arara fundam sua própria aldeia, obtendo reconhecimento por parte da FUNAI.

Ednéia Isidoro em sua dissertação de mestrado intitulada “Situação Sociolinguística Do Povo Arara: Uma História De Luta E Resistência” apresenta seis momentos da história dos Arara destacados por esses indígenas como relevantes: 1- Tempo das malocas: período antes do contato com os não-indígenas e o contato com outros povos indígenas (período anterior a 1940); 2- Primeiros contatos, vida nos seringais: contatos com os seringalistas. Período do trabalho semi-escravo dos Arara nos seringais (a partir de 1940); 3- O realdeamento: volta dos Arara à vida comunitária em suas aldeias (período a partir de 1966); 4- A luta pela terra: a luta dos Arara pela posse de suas terras (década de 1980); 5- A venda de madeira: a exploração da terra Arara (décadas de 1980 e 1990); 6- Os Arara hoje: lutando contra a aculturação e as consequências do contato com a sociedade não indígena.

Atualmente os Karo-arara vivem majoritariamente em três aldeias situadas na Terra Indígena Igarapé Lourdes (Iterap, Paygap e Cinco Irmãos), localizada no município de Ji-Paraná em Rondônia, fazendo divisa com a fronteira do Mato Grosso. Trata-se de um território tradicionalmente habitado por esse povo, cuja área tem aproximadamente 190.000 Km² de extensão, da qual cerca de 1/3 “pertence” aos Arara, sendo o restante destinado ao povo Gavião. A TI Igarapé Lourdes tem os seguintes limites: o rio Machado a oeste; a divisa com o estado do Mato Grosso a leste; o igarapé Prainha e uma linha seca que parte dele ao sul e, por fim, o igarapé Água Azul ao norte (onde a terra indígena se sobrepõe à parte da Reserva Biológica do Jarú). Segundo dados do levantamento demográfico dos indígenas residentes nas aldeias do município de Ji-Paraná (Sesai 2016), além dos Karo-Arara que habitam suas próprias aldeias, há cerca de 44 pessoas identificadas como Karo-Arara residindo em aldeias do povo Gavião (ou Ikoleng (também situadas na TI Igarapé Lourdes), e nas cidades de Ji-Paraná e Porto Velho.



As três aldeias karo-araras são formadas por distintos grupos familiares aparentados de alguma forma entre si. Iterap, aberta há cerca de 40 anos, é a aldeia mais antiga. É composta por sete sessões residenciais, além da aldeia central, onde há uma ou mais casas (construídas no modelo regional de madeira ou de alvenaria) que costumam reunir um grupo de irmãos com suas esposas e filhos e os pais desse grupo. São cerca de 245 moradores, somando-se a população de todos esses núcleos populacionais. Iterap abriga a escola, o posto de saúde e a maloca da associação. Em Paygap, uma aldeia com 75 moradores, dois grupos familiares podem ser distinguidos claramente. As casas encontram-se mais próximas umas das outras e as atividades de cooperação entre diferentes grupos domésticos costumam ser mais frequentes do que em Iterap. A aldeia cinco irmãos é a mais recente das três: com exceção da matriarca Maria Janete e de seu filho mais velho que saiu criança da aldeia, seus moradores nunca tinham vivido na Terra Indígena até meados da década de 1990. Foram contatados na cidade de Porto Velho no início da década de 1990 (pelo Cimi ou pela Funai, segundo versões diferentes). Depois de duas tentativas de se fixarem em Paygap – uma mais longa, que durou mais de cinco anos e resultou em dois casamentos de dois filhos do cacique de Paygap com duas netas de Maria Janete –, o grupo que veio de Porto Velho decidiu abrir sua própria aldeia, onde moram cerca de 15 pessoas.

Segundo a pesquisadora Julia Otero Santos,

"os Karo-Arara são um povo agricultor, caçador e produtor de bebida de macaxeira doce e azeda (tomada raramente desde que os moradores de Iterap passaram a frequentar os cultos na igreja). A principal unidade de produção e consumo é o grupo doméstico, geralmente formado por um pai e seus filhos casados e suas filhas e filhos solteiros. As principais ocasiões para a reunião dos grupos domésticos são os rituais (como a Festa do Jacaré, o Encontro de Pajés e, em Iterap, os cultos na igreja) e as reuniões em torno da política indigenista. O contato com os não índios é regular. Desde 2010 as idas para a cidade são mais frequentes, pois algumas famílias adquiriram um carro. As pessoas vão para Ji-Paraná para fazer compras, sacar os benefícios sociais e os salários, ter atendimento médico e passear. No âmbito das atividades da política indigenista, os Karo-Arara estão frequentemente em contato com os Mondé, especialmente os Gavião e os Zoró. Com os primeiros dividem a Terra Indígena e estabeleceram alguns matrimônios no passado e no presente" (pag. 25 do formulário).

II - Análise do Levantamento Sociolinguístico:

A pesquisa sociolinguística tomou como referência para a sua realização o Guia para Pesquisa e Documentação do INDL, e foi realizada pela antropóloga Júlia Otero dos Santos, tendo como colaborador/assistente de pesquisa os professores Sebastião Kara'yã Péw e Sandra Arara.

Foi realizado um inventário amplo em que a comunidade de referência e a comunidade linguística foram consideradas equivalentes e são constituídas por todos os residentes nas aldeias karo-araras - Aldeia Iterap, Aldeia Paygap e Aldeia Cinco Irmãos - o que inclui 321 pessoas identificadas como Karo-Arara, 8 identificadas como Gavião-Ikoleng, 1 identificada como Karipuna e 8 não indígenas, totalizando 338 pessoas.

O levantamento foi realizado em duas etapas: entre 12 e 29 de maio de 2016, com períodos de trabalho em Ji-Paraná e nas aldeias Iterap e Paygap, e entre 19 e 29 de setembro do mesmo ano, concentrando-se em Iterap, aldeia mais populosa. Nessas ocasiões, houve pesquisa de campo para a produção de dados originais relativos à identificação e caracterização da língua de referência, diagnóstico sociolinguístico e avaliação de vitalidade linguística. Foram atualizados em campo dados sobre os falantes e a situação da língua na comunidade.

O número de falantes foi obtido por levantamento populacional total. Para a aferição dos tipos de falantes, os próprios falantes foram consultados sobre a proficiência de membros de determinada família e alguns pesquisadores indígenas também coletaram informações. Alguns casos foram checados com mais de uma pessoa chave e outros poucos foram aferidos pela própria pesquisadora, que relata ter um bom conhecimento sobre os falantes da língua Karo.

Como mencionado anteriormente, a comunidade linguística de referência é formada por pessoas de três aldeias diferentes. Na maior e mais antiga das três aldeias – Iterap - a língua Karo é falada majoritariamente pela população e é valorizada positivamente. A mesma situação se repete na aldeia Paygap. Nestas duas aldeias é relatado que as crianças aprendem a língua nativa com os pais, que sempre se dirigem a elas usando a língua materna – mesmo que haja também o desejo de que aprendam o português como segunda língua. O idioma nativo é usado de forma exclusiva quando estão somente entre falantes da língua Karo. Há quatro homens não falantes vivendo nessas aldeias, no entanto, compreendem perfeitamente a língua e, por essa razão, todos se dirigem aos mesmos usando o Karo. A realidade dessas duas aldeias se difere bastante em relação à aldeia Cinco Irmãos – aldeia mais recente, menor e formada basicamente por indivíduos que passaram parte de suas vidas fora da Terra indígena. Em Cinco Irmãos todos comunicam-se exclusivamente em português. Com exceção dos jovens que aprenderam a língua quando pequenos em Paygap e da matriarca -- que alega não saber mais falar a língua, embora acredita-se que ela ainda é capaz -- ninguém sabe falar a língua.

Abaixo é possível visualizar na tabela as línguas identificadas em cada uma das aldeias karo-arara e seu respectivo número de falantes:

Nome da Aldeia	Línguas identificadas na localidade	Número de falantes por língua identificados pela pesquisa
Iterap	Karo	245 (216 falantes plenos e 29 parciais)
	Português	224 (147 falantes plenos e 77 parciais)
	Gavião	29 (11 falantes plenos e 18 parciais)
	Zoró	6 (3 falantes plenos e 3 parciais)
	Suruí	2 (1 falante pleno e 1 parcial)
Paygap	Karo	67 (61 falantes plenos e 6 parciais)
	Português	69 (46 falantes plenos e 23 parciais)
Cinco Irmãos	Karo	6 (3 falantes plenos e 3 parciais)
	Português	16 falantes plenos

Com base nessas informações, infere-se que o uso da língua Karo é estável. Tanto o é que a pesquisadora comenta que durante a pesquisa não foi relatado receio em relação à perda da língua por parte dos falantes (embora tenham a perda e enfraquecimento da cultura). No entanto, alguns adultos expressam preocupação com a influência da televisão sobre a língua nativa, pois ela reforça o aprendizado do português. Outro fator mencionado ao qual se deve atentar é o proselitismo religioso, pois mesmo que os cultos na igreja aconteçam na língua nativa, as práticas xamânicas tradicionais passaram a ser condenadas pelos indígenas convertidos à religião cristã. A pesquisadora chama a atenção

também para o caso de crianças advindas de casamentos entre mulheres da aldeia Cinco Irmãos e homens da aldeia Paygap que, mesmo morando em Paygap onde o uso da língua Karo é dominante, são falantes parciais da língua. Uma menina de três anos foi considerada não falante por seu pai.

Muitos dos colaboradores indígenas que participaram da realização do levantamento linguístico são professores da língua materna e já estão formados ou cursam a licenciatura intercultural oferecida pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, tendo trabalhado também em colaboração com linguistas e como tradutores. A língua materna é ensinada por professores indígenas nas aldeias de Iterap e Paygap, já na aldeia Cinco Irmãos a língua de referência não é uma disciplina e não há professores indígenas. Em relação ao contexto escolar, a pesquisadora comenta que nas aldeias Paygap e Iterap, pode-se dizer que a escola não atrapalha (as aulas são ministradas na língua) e nem favorece a promoção da língua, visto que não há uma disciplina específica dedicada à aprendizagem da língua). Em Cinco Irmãos não há ensino na língua, razão pela qual é informado que nessa última aldeia considera-se que a situação escolar é desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola.

No item 7 do formulário (pgs. 34-36) foi incluída uma extensa listagem de recursos documentais na língua e sobre a língua: produção bibliográfica na língua (incluindo material pedagógico/didático), produção bibliográfica sobre a língua (incluindo materiais didáticos), produção em áudio e vídeo na língua. É informado que vários dos artigos escritos por Gabas Jr. estão disponíveis online, no entanto, não há produção na língua disponível na internet, tampouco produção em áudio e vídeo e musical sobre a língua. As principais referências documentais elencadas são de autoria de Gabas Jr. e também é mencionado um estudo sobre a situação sociolinguística da língua Karo realizado por Edinéia Isidoro.

Alguns exemplares do livro *Mitos Araras* de autoria de GABAS JR., Nilson. e ARARA, e do livro *I'tárap at Kanã paorop mot: plantas do povo Arara-Karo*, de autoria de Paula e Felzke (s/d) foram disponibilizados às escolas, bem como cópia da dissertação de mestrado de Edinéia Isidoro sobre a situação sociolinguística do povo arara. Segundo alguns professores, é preciso imprimir mais cópias da *Ák wen wen 'ya: cartilha de alfabetização na língua Karo* de autoria de Gabas e Gavião.

Sobre o uso da língua em outros serviços públicos, é relatado que nas aldeias os Agentes Indígenas de Saúde falam a língua, auxiliando a comunicação entre a equipe médica não indígena e os pacientes indígenas. Em casos de rotinas médicas ou internações na cidade, não há comunicação na língua. Um técnico de enfermagem arara atua na Casa de Apoio à Saúde Indígena possibilitando o atendimento na língua quando o mesmo está presente.

Organizações indígenas, governamentais e não governamentais têm atuado no território apoiando o uso da língua de referência. Pesquisa sobre saberes tradicionais e territorialidade na aldeia Iterap tem sido realizada em parceria entre pesquisadores indígenas e o Departamento de Educação Intercultural da UNIR e gerado a produção de livros na língua karo. As gravações de áudio e vídeo com os Karo-Arara oriundas da pesquisa feita pela antropóloga Julia Otero para o Museu Goeldi, após a edição, foram entregues aos indígenas. O Conselho de Missão entre Povos Indígenas (Comin) realizou oficinas e já publicou um livro sobre mitos Karo-Arara, um livreto sobre artesanato indígena e, mais recentemente, um livro sobre culinária.

Em contrapartida, a igreja evangélica da linha batista (não vinculada à Missão Novas Tribos do Brasil) é considerada uma ameaça à língua e à cultura da comunidade linguística, demonizando as práticas xamânicas e rituais tradicionais que envolvem o mundo dos espíritos. Como consequência, houve a diminuição da procura ao pajé para tratamentos, baixa adesão às festas tradicionais e abandono das práticas relacionadas à bebida fermentada que era tradicionalmente produzida.

São listados no formulário do INDL os principais falantes de referência, destacando-se dentre outros narradores, Cícero Xía Mot, principal xamã Karo-Arara e um dos seus mais reconhecidos cantores. No material enviado como parte do dossiê sobre a língua Karo observamos entrevistas e fotos deste xamã:



Xamã Cícero Xía Mot durante a tradicional "Festa do Jacaré"

Muitos dos colaboradores indígenas que participaram da realização do levantamento linguísticos são professores da língua materna e já estão formados ou cursam a licenciatura intercultural oferecida pela UNIR, tendo trabalhado também com linguistas e como tradutores.

Foi apresentado um diagnóstico sociolinguístico com informações sobre os falantes, aquisição, transmissão, escrita e leitura, situações de uso da língua, bem como as atitudes linguísticas da comunidade. Nas aldeias Iterap e Paygap a aquisição da língua é feita em casa e nos espaços comunitários. As pessoas só falam entre si na língua nativa. Somente recorrem à conversação em português na presença de não índios ou de índios não falantes de Karo. Na aldeia Cinco Irmãos a aquisição da língua não está ocorrendo e, como foi dito anteriormente, a língua não é ensinada na escola e os moradores que aprenderam a língua o fizeram quando moravam em Paygap.

Em relação à grafia na língua é dito que a mesma está sendo usada na alfabetização tanto em Paygap como em Iterap. A grafia proposta pelo linguista Gabas Jr. é utilizada nas escolas das duas aldeias e ensinada pelos professores. Os professores, estudantes e acadêmicos indígenas da UNIR são os principais usuários dessa grafia. No contexto das redes sociais, como o facebook, usam o português, dado que nesse espaço se comunicam basicamente com indígenas de outras etnias e com não indígenas.

O grau de disponibilidade e de uso da língua foram considerados estáveis. A pesquisadora observa que os Karo-Arara das aldeias Paygap e Iterap demonstram mais preocupação com a perda da cultura motivada pela adoção de hábitos alimentares não indígenas, abandono de práticas rituais e conversão religiosa, do que com a língua, que não consideram estar ameaçada. De fato, o levantamento confirma que as crianças e jovens seguem aprendendo e se comunicando em língua materna. Porém, como ressaltado diversas vezes nesse parecer, a situação da aldeia Cinco Irmãos é bem distinta, uma vez que a aprendizagem da língua está interrompida.

Uma informação que confirma a situação de ameaça à cultura e que se relaciona à língua é a de que a narração de mitos está sendo aprendida por um número decrescente de pessoas, menos do que antigamente. A chegada da eletricidade e a aquisição de televisores são apontadas como motivos para o decréscimo da aprendizagem. *“Antigamente, as pessoas contavam e ouviam histórias antes de dormir. Hoje várias delas preferem assistir televisão. Sobre os cantos, algumas poucas crianças e jovens sabem cantar os cantos tradicionais, mas quase todas sabem cantar as músicas da igreja.”*

A comunidade tem a língua como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações. O uso do português não é condenado pela comunidade de referência, que valoriza o aprendizado dessa segunda língua. O levantamento mostra que há 209 falantes plenos bilíngues de Karo e de português. O português é valorizado por possibilitar o acesso ao mundo não indígena e à comunicação entre eles e indígenas de outras etnias.

Como propostas para salvaguarda da língua, a comunidade destacou a necessidade de reimprimir a cartilha utilizada na escola e produzir novos materiais na língua para serem usados na escola, produção de mais material audiovisual e como prioridade alta o ensino da língua na aldeia Cinco Irmãos.

Por fim, na seção do formulário onde há informações sobre o grau de vitalidade da língua de referência, foi apontado que embora a transmissão e os usos sociais da língua sejam estáveis, o tamanho reduzido da comunidade linguística (338 pessoas) e a interrupção da transmissão da língua em Cinco Irmãos são fatores determinantes para se atribuir um **grau de vitalidade vulnerável** à língua Karo.

III - Conclusão

Tendo em vista as informações apresentadas anteriormente, observamos que o mapeamento, a caracterização e diagnóstico da língua e, por fim, a sistematização dos dados em formulário específico foram devidamente executados de acordo com o que prevê o decreto 7.387/2010.

Nesse sentido, tendo em vista o preenchimento a contento dos pré-requisitos suficientes para o pedido de inclusão de línguas e reconhecimento como Referência Cultural Brasileira, e o grande volume de informações sobre a língua inventariada, consideramos que foram atendidas as especificações técnicas para a instrução do processo de inclusão da língua Karo no Inventário Nacional da Diversidade Linguística e posterior deliberação pela Comissão Técnica do INDL.

Considerando o estado de **vulnerabilidade** da língua Karo apresentada pelo levantamento sociolinguístico realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi e sintetizado neste parecer, bem como todo o processo relatado de ameaça à sua cultura e existência sofrida a partir do contato com a sociedade não indígena à qual esse povo foi e continua sendo submetido, recomendo fortemente a inclusão da Língua Karo no INDL.

A inclusão da língua no INDL servirá não somente para reconhecer a resistência desse povo que, apesar de todo seu histórico, mantém a sua língua materna viva, mas também para destacar a relevância desta língua para a memória, história e identidade do povo Karo e do povo brasileiro, além de justificar a implementação de ações voltadas à salvaguarda da língua, conforme previsto pelo Art. 5º do decreto 7387/2010, “que as línguas inventariadas farão jus a ações de valorização e promoção por parte do poder público”. Por fim, a inclusão da língua Karo no INDL também se configurará como iniciativa voltada a um processo de reparação histórica e promoção do direito humano à diversidade linguística.

Este é o parecer.



Documento assinado eletronicamente por **Thaís Borges da Silva Pinho Werneck, Técnico I**, em 03/12/2021, às 12:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Vinicius Carvalho Garcia, Chefe da Divisão Técnica da Diversidade Linguística**, em 03/12/2021, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **3151966** e o código CRC **2EC1D936**.

Referência: Processo nº 01450.003436/2021-58

SEI nº 3151966